
O que há num nome: estudos sobre a obra de Ana Luísa Amaral

Marlon Augusto Barbosa

Universidade Federal Fluminense

João Victor Sanches da Matta Machado

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1345>

E outros
o hão de recolher,
quando o seu século dele carecer

E, meu amor, força maior de mim,
seremos para eles como a rosa –

Não, como o seu perfume

ingovernado livre
(Amaral, 2011, p. 11)

Resenhar um livro nem sempre é fácil. A palavra “resenha”, que remonta do latim “resignare”, carrega não só o sentido de “de novo” pelo seu prefixo “re” – como quem escreve de novo –, mas também a ideia

de “marca” ou “sinal” que nasce do radical “signum”. Trata-se, então, de falar de novo ou de assinalar. O que tentaremos fazer brevemente aqui é falar sobre o livro *O que há num nome: estudos sobre a obra de Ana Luísa Amaral* (2024) e assinalar a sua importante publicação. Esse livro, publicado em 2024 pela Editora Mercado das Letras e organizado por Tatiana Pequeno, Monica Figueiredo e Ida Alves, celebra uma vida que passou e uma obra que permanece *ardendo e incendiando* a Literatura Portuguesa e a Crítica Literária. Pensemos, em um primeiro momento, em um livro que “presta uma homenagem emocionada” (Derrida, 2008, p. 264) e que, de certa forma, está “impregnado pelo luto e pela dor do desaparecimento” (Derrida, 2008, p. 264) de uma escritora. Flavia Trocoli escreveu recentemente, em um ensaio sobre Hélène Cixous, que “a morte não se dá em torno da consumação de uma perda, mas em torno daquilo que, na morte, depois da morte, permanece vivo da palavra do outro” (Trocoli, 2020, p. 190). Essas considerações sobre a obra de Hélène Cixous nos servem de mote para fazer ressoar as imagens que nascem e que sobrevivem *nesse livro* como um trabalho da citação – como uma segunda mão, como se fosse “de segunda mão” ou de uma segunda demão. A tarefa dos críticos é quase sempre um trabalho de segunda mão que faz passar o que do outro permanece sempre inscrito em nossos corações.

Talvez, para esta resenha, este seja um momento de falar com a escritora. Talvez este seja o momento de falar com os seus poemas e o que deles reverbera não só na vida de cada leitor, mas também na cultura. Façamos que esse livro dedicado aos estudos sobre a escritora portuguesa Ana Luísa Amaral carregue não apenas a assinatura (“signatura”) da autora, mas também a de seus leitores. A assinatura dos seus leitores aparece em cada um dos textos dedicados a ela e a sua obra, a assinatura da escritora aparece através dos poemas, trechos recuperados solenemente por cada um deles: como se a autora e seus textos ganhassem uma sobrevida a partir dos seus leitores. Façamos também agora algo solene. “Celebremos” (Amaral, 2013b,

p. 90), como a própria Ana Luísa Amaral escreve em um de seus poemas. Esse livro marca um momento importante – o de um fim, de um começo e, sobretudo, de uma *passagem*. Ana Luísa Amaral (1956-2022): o que *passa* com esse nome? O que significa essa assinatura? “O que há no nome”? Essas são as perguntas que atravessam cada um dos textos que aparecem no livro.

O título de ensaios dedicados a essa autora esconde alguns segredos, mas deixa passar, como se os seus autores sussurrassem, algo que permanece, que foi disseminado e trabalhado pela própria autora em diversos de seus poemas como exercício de releitura. O primeiro segredo do título desse livro aponta como um *Lume(s)*: “pergunto: o que há num nome”? Trata-se de um título que recupera um poema da própria Ana Luísa Amaral: “What’s in a name”. Certamente ele indica uma genealogia. O título do poema recupera uma fala escrita por William Shakespeare. Nomeado em inglês, o poema aparece como um duplo trabalho de tradução e citação: como se o poema dissesse “de novo”. Recolha da tradição como a poeta sempre estabeleceu em seus poemas; nova vida para *Romeu e Julieta* – amantes que escondem em seus sobrenomes uma história. O que esconde um nome? O que está por trás desses nomes? O que há no nome, no poema, na vida? É um segredo, é claro. Talvez sejam essas as perguntas que Catherine Dumas, Ida Alves, Monica Figueiredo, Tatiana Pequeno, José Cândido de Oliveira Martins, Carlos Henrique Fonseca, Ana Beatriz Affonso Penna, Luis Maffei, Paola Poma, Helena Carvalhão Buescu, Leonel Velloso e Adalberto Müller tentem responder em cada um dos seus textos celebrando uma obra que marcou (que assinalou) o tempo.

As organizadoras escrevem na apresentação do livro: “neste dizer iniciático parece nascer, portanto, um desejo de afirmação” (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 7). Certamente, trata-se de uma escritora que, com a sua fala, rompe o afastamento e aponta para algo que

se inicia e se afirma. Em *Romeu e Julieta*, se quisermos pensar nos personagens quase secretos que nascem do título do poema, a afirmação de um amor proibido. No livro que chega às nossas mãos, batizado com nome de poema, a afirmação de um amor pela escrita e pela escritora: longe de proibido, mas que deseja o encontro com o outro. O trecho se refere ao que a poeta construiu, mas, agora, também ao que os seus leitores farão nascer: o desejo da escrita que nasce do encontro entre o texto, a escritora e o leitor.

Chega, então, a nossas mãos uma coletânea de estudos sobre a obra de Ana Luísa Amaral. Antes mesmo de abri-lo, de atravessar os diversos textos que se fazem em torno de um nome, esse nome se apresenta para nós de forma direta em sua capa. É um sentimento impresso no olhar perfurante que a fotografia da própria Ana Luísa Amaral imprime sobre nós, os leitores, como que nos convidando a indagar o que permanece inscrito em sua face, em seus textos, em seu nome. Falamos da capa escolhida para compor essa edição do Mercado das Letras. Trata-se de uma fotografia da própria Ana Luísa Amaral cedida por Marinela Freitas, em que a autora tem seu rosto em foco, apoiado sobre as mãos e na companhia de um gato malhado. A fotografia é esfíngica e lança uma questão/desafio a partir de um olhar penetrante (como se fosse uma medusa). A imagem se divide entre os dois olhares que fitam diretamente quem observa a imagem: o primeiro – no plano superior – da autora, e como que em uma relação de ampulheta (composta na forma assumida pelas mãos de Amaral) encontra-se o olhar do gato no plano inferior. Talvez uma relação com o tempo, de um lento declinar do humano ao animal que o movimento da areia tradicionalmente percorre em uma ampulheta. Ou ainda um recorte de espelhamento desses olhares, da impressão daquilo que vemos e do que nos olha em retorno e que se torna uma imagem metamórfica com o passar desse tempo. Ou ainda caberia a nós inverter a posição do livro, e logo o gato es-

taria por cima e a mulher por baixo, invertendo o movimento linear em que esse tempo estaria inscrito. Sendo plural o uso da própria imagem, o que nos resta é indagar como essa fotografia nos dá também um mote para as leituras que circundam os escritos da e sobre a autora.

Algo de oculto parece estar presente nesse olhar fotografado, focado na face de Ana Luísa como que fitando aquele(s) que se aventura(m) no seu fazer como um desafio. Esse desafio é, portanto, encarado – como quem encara de volta a autora – pelos diversos autores que mergulham na profunda produção de Ana Luísa Amaral. O que fica logo evidente é a impossibilidade de se desvelar o segredo impresso no olhar da fotografia que foca a face da autora, pois, para início de conversa, talvez não se trate de apenas um segredo, mas de um conjunto de véus que transmitem a melancolia, a raiva, a crítica, as emoções presentes nesse olhar e, conseqüentemente, em seus escritos.

Esses segredos, não podendo ser reduzidos a uma razão singular, serão, portanto, os véus a serem suspensos em trabalho conjunto, através de uma polifonia de críticos/leitores cujas diversas ferramentas analíticas possibilitam desvelar a pluralidade de temas intensamente confrontados por Ana Luísa Amaral em sua obra. Essa polifonia alimenta o rumor da obra, como diria Roland Barthes. Com isso, podemos ainda continuar às voltas com o próprio título do livro. O nome com o qual se indaga ou afirma não aponta em momento algum um fechamento, muito pelo contrário, ele multiplica a função de nomeação ao pensarmos como isso implica tanto uma posição ativa quanto passiva perante a imagem que essa linguagem implica. A partir desse intertexto com a própria obra de Ana Luísa Amaral, deparamo-nos com a função ativa de inscrição que se entende ao nomearmos algo – definindo/disciplinando – mas também podemos pensar a agência que esse nome assume na multiplicidade

de significados que um exercício de intertextualidade possibilita – afinal um nome também traz a carga histórica dos outros muitos nomes que o atravessaram. Essa relação é aparentemente contraditória – define, porém expande –, mas é essa contradição que mais fortemente encaramos logo na capa do livro, e é a contradição que os muitos estudiosos da obra vão se deparar nos mais diversos níveis de análise dos textos. As análises são diversas e apontam para a resolução de dicotomias, romances que dialogam com a tradição, a alegria que atravessa a poesia e que “[...] permite emoldurar a nossa própria precariedade, limitando-a, de certo modo, para que o vazio não ganhe tudo” (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 9), um texto em forma de carta endereçada à autora, o irrepresentável e o político, a catástrofe e a redenção, a gênese no amor escrito, testemunhos sobre a maternidade, a história de uma aranha chamada Leopoldina, “[...] a sensação de que as coisas do mundo caminham para uma espécie de vórtice que não anula as diferenças, mas as coloca sob estado de tensão” (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 15), “um testamento a favor da humanidade”, “a memória [que] deve resistir justamente no movimento da vida que nos torna mais humanos e que [escapa] à lógica puramente utilitária” (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 110) e até “um jogo criativo a envolver Shakespeare, Dickinson e Ana Luísa Amaral, num sainete – ou pequena peça teatral cômica” que realiza “uma avaliação crítica” que “envolve a poeta portuguesa numa rede de memória afetiva” (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 15) ao pensar a tradução em literatura como transcrição.

Abrimos, portanto, o livro sobre a nossa mesa. O índice já elabora um sentido articulado, de cunho temático, das vozes que ecoam em torno da obra de Amaral. Mas logo chama atenção que esses temas não se fecham em blocos sistemáticos, mas são apresentados em um único conjunto, quase como se indicassem que é impossível enclausurar as obras lidas em categorias pré-definidas de análise. Lemos,

então, títulos em torno de diversos campos semânticos: sobre o corpo, sobre a alegria, sobre aquilo que ainda faltou dizer, sobre aquilo que é irrepresentável, sobre a política, sobre a catástrofe e a redenção, sobre um possível avesso do *medusamento*, de mãos que escrevem enquanto varrem, sobre a responsabilidade de ser aranha e o leste do paraíso. Pontos de encontro e desencontro, um emaranhado de vozes e letras que tecem o pano crítico rico na diversidade temática que essa produção poética e ensaística demanda. Diálogo que se estende com diversos teóricos e críticos. Como lemos na própria apresentação do livro:

[...] o trabalho de Ana Luísa Amaral esteve sempre a serviço de um cuidado com a literatura, tecendo inúmeros fios que, ligados, não nos deixam esquecer deste lugar de produção pelo humano, mesmo entre suas contradições e diferenças tanto através da representação quanto através testemunho pela palavra (Pequeno; Figueiredo; Alves, 2024, p. 8).

Fica sobre a nossa mesa de leitura esse emaranhado de caminhos críticos e literários – caminhos afetivos – que entrecruzam a voz de Ana Luísa Amaral às vozes de leitores que aceitaram encarar o olhar desafiante da autora. De Ana Luísa Amaral que promove em ato testemunhal uma voz que não se encerra somente no indivíduo, pois esse testemunho carrega também os ecos de gerações de muitas mulheres (escritoras, ou não, de sua família ou não, protagonistas na história ou não) para que o silêncio – aquele trabalhado na operação da própria linguagem – também se traduza em um canto coletivo. Com isso digo que esse canto se realiza sem amarras subjetivas, históricas ou geográficas. Mesmo que inserida no campo literário português, os estudos presentes no livro indicam a capacidade da autora em alçar voo em questões que tocam a experiência coletiva, um testemunho que se projeta quase como que universal. O que

fica dessa resenha é um convite para aqueles que se interessam não somente nos temas abordados pela obra de Ana Luísa Amaral, mas também no modo como esse conjunto de vozes constitui uma comunidade de leitores e escritores capazes de alargar seu trabalho com a linguagem em um exercício de conversas infinitas. Cada leitura, mais do que encerrar o entendimento sobre cada texto estudado, irá suscitar questões que nós mesmos leitores podemos levar para nossas vidas e trabalhos de interesse. Seriam então os leitores dessa mesma resenha sujeitos com o ímpeto de mergulhar na obra de Ana Luísa Amaral, assim como foram os autores que encararam a imagem esfíngica impressa na capa?

“O que há num nome, Ana Luísa Amaral?”:

Na sua arquitectura comovida, esses dedos (esse nome) ergueram catedrais de comoção. Não era só, nem já, lugar indefinido o leito do seu toque: era a mão que pousava a mercê do que fosse. Esses dedos ousaram essa mão, que se atreveu também. Nos dedos que tremiam, convite para o corpo a comover-se: festa de cor por dentro, um reino novo, repleto de jardins. Sobre assento, mãos dadas finalmente... (Amaral 2013a, p. 28).

Mãos dadas pelos leitores.

RECEBIDO: 19/10/2024

APROVADO: 16/01/2025

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Luísa. *Ara*. Lisboa: Sextante Editora, 2013a.
- AMARAL, Ana Luísa. *Lumes*. São Paulo: Iluminuras, 2021.
- AMARAL, Ana Luísa. *Vozes*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.
- AMARAL, Ana Luísa. *Vozes*. São Paulo: Iluminuras, 2013b.
- DERRIDA, Jacques. As mortes de Roland Barthes. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, [S. l.], v. 7, n. 20, p. 264-336, ago. 2008.

TROCOLI, Flavia. Insistir no Eu, destronar o Eu, passar à literatura: movimentos da obra de Hélène Cixous. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 181-195, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2020223181195>. Acesso em: 14 fev. 2023. Epub. ISSN 1807-0299.

MINICURRÍCULO

MARLON AUGUSTO BARBOSA é professor adjunto de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Investigador associado da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros. Foi pesquisador de pós-doutorado em Literatura Portuguesa (bolsista de Pós-Doutorado Nota 10 da FAPERJ). Possui Doutorado (2021) e Mestrado (2017) em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ.

JOÃO VICTOR SANCHES DA MATTA MACHADO é pesquisador de pós-Doutorado em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com bolsa CNPq. Possui Doutorado e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas com área de concentração em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ.